

A PARÁFRASE NA PRODUÇÃO DE TEXTOS DO JORNAL ESCOLAR

MATOS, Marta Maria de Sousa (UVA)

tejuocuoca@hotmail.com

Bolsista do PIBID 2009-UVA-CAPES

ALVES, Rita de Cássia Sampaio (UVA)

kassya.sampaio@hotmail.com

Bolsista do PIBID 2009-UVA-CAPES

CHAVES, Francisco Cristóvão Epaminondas Silva (UVA)

cristovaoepaminondas01@hotmail.com

Bolsista do PIBID 2009-UVA-CAPES

Orientadora: ARAÚJO, Maria Soares de (UVA)

msaraujo66@yahoo.com.br

Profa. Mestre da Universidade Estadual Vale do Acaraú

RESUMO

A paráfrase está presente no funcionamento da língua na comunicação em sala de aula. Aparece no discurso dos bolsistas do PIBID se concretizando no gênero "comentário oral", e se prolonga nas produções textuais escritas dos alunos, que elaboram textos para a confecção e divulgação em jornal impresso da escola. Um grupo de estudantes do 3º ano do ensino médio da escola Ministro Jarbas Passarinho em Sobral-CE, juntamente com bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), CAPES, subprojeto de Licenciatura em Letras/Português-Literatura da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) leem, produzem, revisam e divulgam textos no jornal da escola que circula bimestralmente. Com apoio do professor, são selecionados alunos da escola, que assistem a comentários de obras da literatura clássica nas exposições dos bolsistas, fazem leitura oral de resumos destas obras, assistem a vídeos e produzem textos de gêneros diversos para o jornal da escola: comentários escritos, carta do leitor. Foram identificadas marcas de paráfrase em todos os textos produzidos pelos alunos. Durante o semestre foi percebido que o recurso da paráfrase está presente em todo o processo da produção textual, os alunos parafrazearam tanto os textos orais produzidos pelos bolsistas por meio da explanação das obras trabalhadas, como os resumos entregues durante o processo de produção textual. Tal constatação evidencia que a paráfrase é um recurso de intertextualidade indispensável e constante na atuação do processo de produção textual e que emana das estratégias de ensino para a divulgação das obras literárias e para o aprendizado do texto. Este estudo teve como apoio os teóricos como Sant'Anna (1985; 2009), que conceitua paráfrase como um recurso de intertextualidade; Bakhtin (2000), que coloca o dialogismo como um mecanismo natural no uso da linguagem; e no conceito de texto defendido por Marcuschi (2008), que contextualiza o estudo do texto numa visão de língua como interação, e como prática discursiva (gênero); e nos estudos da macroestrutura de textos escritos, viabilizados pela concepção de gêneros textuais argumentativos e expositivos apresentada em Köche (2010). A partir da análise das produções dos alunos constatou-se que os textos parafrazeados produzidos por eles não são a reprodução fiel das ideias dos textos bases. Portanto, houve um processo de construção, por meio da interpretação dos textos bases, que deu origem a um novo texto. Sem a compreensão leitora dos alunos produtores não seria possível a produção dos textos parafrazeados, o que evidencia que a paráfrase, nesse caso, não é reprodução, e sim um processo que possibilita a construção de um novo texto.

PALAVRAS-CHAVE: Paráfrase. Intertextualidade. Ensino. Produção Textual. Jornal Escolar.

INTRODUÇÃO

Este estudo objetivou analisar textos produzidos para o jornal escolar por alunos do 3º ano do ensino médio da Escola de Ensino Fundamental e Médio Ministro Jarbas Passarinho, município de Sobral – CE, com o intuito de investigar a existência de paráfrase nestes textos que remetem aos textos bases (orais e escritos) trabalhados anteriormente a produção escrita.

O corpus utilizado para pesquisa foi produzido durante a Oficina de Produção Textual, desenvolvida durante três meses na referida escola por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Os procedimentos metodológicos dizem respeito à leitura do referencial teórico utilizado neste trabalho, além da análise dos textos produzidos pelos alunos (*corpus* de pesquisa), com o objetivo de investigar marcas de paráfrase nessas produções.

Foram identificadas marcas de paráfrase em todos os textos produzidos pelos alunos. Percebemos que os alunos parafrasearam tanto os textos orais produzidos pelos bolsistas por meio da explanação das obras trabalhadas, como os resumos entregues durante o processo de produção textual. Tal constatação foi possível com base na definição de paráfrase em Sant'Anna (1985; 2009), na visão de dialogismo em Bakhtin (2000), no conceito de texto defendido em Marcuschi (2008) e na macroestrutura de gêneros textuais argumentativos e expositivos apresentada em Köche (2010).

1 A PARÁFRASE

A paráfrase é aqui entendida como um processo de construção que dá origem a um novo texto, havendo, portanto, a relação entre textos (intertextualidade) onde um texto influencia o outro seja para reafirmar ou contestar o texto anterior.

Paráfrase é definida por Sant'Anna (2003, p. 17) como “[...] a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita”. A paráfrase “revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior [...] fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, retoma, alude, ou a que se opõe” (Koch, 1997, p. 46).

Para Sant'Anna (1985, p. 24), na paráfrase “ocorre um jogo de diferenciação em relação ao texto original, sem que, contudo, haja traição ao seu significado”. Importante ressaltar que mesmo que o texto parafraseado não traia o texto anterior como expôs Sant'Anna (1985), este novo texto produzido não é a reprodução fiel do texto ao qual ele se refere, pois o contexto de produção é outro, assim como o sujeito produtor também é outro. Esse sujeito produtor deixa suas marcas no texto parafraseado, diferenciando-o do texto que serviu como base, assim, “falar de paráfrase é falar de intertextualidade das semelhanças” (SANT'ANNA, 1985, p. 28).

Bakhtin (2000) fomenta a discussão ao afirmar que não existe discurso que tenha partido do nada, todo discurso é resposta ao outro anteriormente produzido, seja oral ou escrito. Segundo o autor, “cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva” (Bakhtin, 2000, p. 294). Assim, um texto sempre nasce a partir de outro texto, sendo a paráfrase um exemplo desse diálogo entre textos sobre o qual o autor refere-se.

2 A PARÁFRASE NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

A seguir será apresentado o processo de produção textual desenvolvido pelos bolsistas do PIBID/Letras/UVA durante a realização da Oficina de Produção Textual para alunos do 3º ano do ensino médio com foco na produção de textos para publicação no jornal escolar.

2.1 AQUECIMENTO

O aquecimento é o primeiro passo dos processos de produção textual dos quais trataremos neste estudo. O aquecimento é definido em Lima (2000), como o exercício para estimular a parte do cérebro que é responsável pelo prazer, o lado direito. Assim, ilustrações, movimentos corporais, recontos, comentários simples com um pouco de comicidade ajudam a ativar os pontos responsáveis pelo prazer no cérebro.

A outra parte do cérebro que é o lado esquerdo é responsável pela lógica, o lado mais sério e formal da aprendizagem. A assimilação torna-se mais fácil quando preparamos esta esfera do lado esquerdo para funcionar. Isto depois de já ter preparado o bom gosto pelo aprendizado. A teoria das esferas cerebrais é uma teoria que explica o processo de ensino aprendizagem. Neste caso, a produção do texto para o jornal foi feita após se ter aquecido o lado agradável da aprendizagem.

2.2 PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA

Após o Aquecimento por meio da exposição oral sobre as obras discutidas e a leitura dos resumos sobre as referidas obras, os alunos que participaram da Oficina de Produção Textual foram convidados a produzir os seguintes gêneros: comentário e carta ao leitor. No entanto, antes de conhecer a macroestrutura de cada um desses gêneros, é importante apresentar como entendemos texto neste artigo.

A noção de texto aqui apresentada é baseada em Marcuschi (2008, p. 94), segundo o qual, texto é “[...] uma realidade e não uma virtualidade. Pois o texto não é apenas um sistema formal e sim uma realização linguística a que chamamos de evento comunicativo e que preenche condições não meramente formais”.

O texto é, portanto, comunicação e não apenas material linguístico. Para a produção textual como um evento comunicativo Marcuschi (2008, p. 95) enumera três aspectos: “1. Aspectos linguísticos (o ato de fala verbalmente produzido); 2. Aspectos sociais (a situação sócio-histórica); 3. Aspectos cognitivos (conhecimentos investidos)”.

Texto na concepção de Oliveira (2008, p. 194) “é a unidade comunicativa básica, aquilo que as pessoas têm a declarar umas às outras. Essa declaração pode ser um pedido, um relato, uma opinião, uma prece, enfim, as mais diversas formas de comunicação”.

Nesse sentido, não há como falar de texto sem nos referirmos a Pragmática, que é apresentada em Pinto (2001, 47-48) como a “ciência do uso linguístico”. A Pragmática estuda a língua como cultura, apostando “nos estudos da linguagem, levando em conta também a fala, e nunca nos estudos da língua isolada de sua produção social” (PINTO, 2001, p. 48).

Faz-se necessário conhecer a seguir a macroestrutura dos gêneros produzidos pelos alunos e que serviram de *corpus* para esta pesquisa. São eles: o comentário e a carta ao leitor.

A estrutura do comentário segundo Köche (2010, p. 53) é livre porque “depende das intenções do autor, do veículo no qual será publicado e do interlocutor que almeja atingir”, podendo constituir-se de “apresentação, descrição e avaliação” (ibidem, p. 53).

Na apresentação, o autor “contextualiza o objeto a ser comentado” (ibidem, p. 53). No caso do *corpus* que serviu de base para esta pesquisa, o objeto analisado foram obras literárias. Na descrição, o autor “mostra o objeto analisado e suas partes” (ibidem, p. 53). Enquanto que na avaliação, o autor “faz uma crítica ao que é mais significativo no objeto analisado, de modo progressivo e consistente” (ibidem, p. 53).

O segundo gênero produzido pelos alunos foi a carta ao leitor, que tem por finalidade, segundo Köche (2010, p. 67), “convencer o interlocutor”. O referido gênero

apresenta a seguinte estrutura: “local e data, vocativo, corpo do texto despedida e assinatura” (ibidem, p. 67).

O primeiro elemento (local e data) contextualiza a carta ao leitor em dia, mês, ano, e ainda indica a cidade na qual a carta foi produzida. O vocativo “coloca o tratamento condizente com o receptor” (KÖCHE, 2010, p. 67). O corpo de texto “apresenta a opinião do leitor” (ibidem, p. 67). A despedida “manifesta cordialidade” e na assinatura “consta o nome e a identificação do remetente” (ibidem, p. 68). A carta tem a finalidade de expor ao outro uma intimidade sobre um assunto compartilhado entre um EU e um TU.

2.3 REVISÃO TEXTUAL

Trataremos a seguir sobre o terceiro processo de produção textual: a revisão. Como os textos produzidos pelos alunos seriam publicados no jornal da escola, foi necessária uma revisão destes textos, primeiramente pelo espaço reduzido do suporte (duas laudas) e também prezando a objetividade e a clareza dos textos publicados.

A revisão baseou-se no princípio cooperativo de Grice, considerando as quatro máximas propostas pelo referido autor: máxima da quantidade, máxima da qualidade; máxima da relação; máxima do modo.

Veremos a seguir fragmentos dos textos originais e dos mesmos textos após a revisão, obedecendo às máximas de Grice.

Fragmento 1:

Trecho original produzido por um aluno do 3º ano do ensino médio	Trecho revisado e publicado no jornal escolar:
<p>“O artigo que fala sobre o homossexualismo na obra “Bom-Crioulo”, relata perfeitamente um dos aspectos que ocorria na sociedade <u>naquela</u> época, <u>detalhando de forma resumida o que a obra traz</u>. <u>Realmente</u> o homossexualismo <u>daquela época</u> era visto com maus olhos e até hoje, <u>só que de maneira um pouco mais respeitada</u> [...]”.</p>	<p>“O artigo <u>publicado na segunda edição do jornal</u>, que fala sobre o homossexualismo na obra “Bom-Crioulo”, relata perfeitamente um dos aspectos que ocorria na sociedade da época. O homossexualismo era visto com maus olhos, e até hoje <u>ainda é</u> [...]”.</p>

As palavras sublinhadas no trecho original do fragmento 1 foram retiradas baseando-se na máxima do modo do princípio de cooperação de Grice. Segundo a qual o sujeito produtor deve ser “claro e conciso”, evitar “a obscuridade, a prolixidade, etc” (KOCH, 1997, p. 55).

O vocativo acrescentado no fragmento revisado obedece à máxima da relação (relevância) do princípio de cooperação de Grice, segundo a qual o sujeito produtor deve dizer “somente o que é relevante” (ibidem, p. 55). O acréscimo do vocativo foi relevante para compreensão do leitor sobre qual artigo o aluno produtor se referia ao escrever o texto.

Fragmento 2:

Trecho original produzido por um aluno do 3º ano do ensino médio	Trecho revisado e publicado no jornal escolar:
<p>“[...] <u>Outra parte da obra que indico</u> é a</p>	<p>“[...] A obra tem uma linguagem dura e</p>

<u>forma como o autor aborda o tipo de linguagem, identificando-se como uma linguagem dura e pode-se notar completamente a indignação do autor da obra [...]</u> ”.	pode-se notar a completa indignação do autor <u>com relação aos problemas sociais da época [...]</u> ”.
---	---

Os trechos sublinhados no fragmento 2 foram retirados respeitando a máxima da quantidade do princípio de cooperação de Grice, segundo a qual o sujeito produtor não deve dizer “nem mais nem menos que o necessário” (ibidem, p. 55). O acréscimo do trecho: com relação aos problemas sociais da época foi realizado devido à necessidade de esclarecer ao leitor sobre o assunto ao qual o aluno refere-se em seu texto.

2.4 DIVULGAÇÃO

A divulgação é o último processo da produção textual aqui apresentado. O jornal foi o suporte utilizado para divulgação dos textos produzidos pelos alunos. Foi de fundamental importância a divulgação dos textos, pois o jornal viabiliza as práticas discursivas tornando o texto concreto. Sem o jornal, o texto deixa de ser gênero, tornando-se apenas uma atividade de produção, porque não tem o contexto de interação.

O jornal apresenta-se como uma ferramenta complementar de ensino, que pode ser utilizado na sala de aula. O uso bem planejado do jornal em sala de aula proporciona o aumento da assimilação dos conteúdos escolares, amplia o vocabulário do aluno, estimulando seu senso crítico e sua capacidade criativa no trabalho com a linguagem. Faria (1999, p. 12) afirma que “o jornal se transforma numa ponte entre os conteúdos teóricos dos programas escolares e a realidade” do aluno. A autora complementa que “se a leitura do jornal for bem conduzida, ela prepara leitores experientes e críticos para desempenhar bem seu papel na sociedade” (ibidem, p. 12).

Além do incentivo à leitura, o jornal proporciona ao aluno o desenvolvimento de uma leitura mais crítica e sensível, assim como esclarece ao aluno a realidade dos problemas sociais que acontecem a sua volta, propicia o desenvolvimento do raciocínio e aumenta a capacidade de questionamentos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os bolsistas do PIBID do Curso de Letras funcionaram como agentes de leitura, trabalhando as obras literárias indicadas no processo seletivo 2012.2 da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Durante três meses foi realizada na Escola de Ensino Fundamental e Médio Ministro Jarbas Passarinho a Oficina de Produção Textual que tinha por objetivo preparar os alunos do 3º ano do ensino médio para o processo seletivo da UVA e dar continuidade ao Jornal “Jarbas em Ação”, nome sugerido pelos alunos ao jornal da escola.

Durante esses três meses foram trabalhadas as seguintes obras: Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha; O Mulato, de Aluísio de Azevedo; Cacaú, de Jorge Amado; A Bagaceira, de José Américo de Almeida.

O trabalho durante a Oficina seguiu o processo de produção textual descrito no decorrer deste artigo. O Aquecimento era feito por meio da exposição oral das obras literárias, com o apoio de recursos áudio visuais (notebook, data-show, caixa de som). Após esse momento, os alunos liam em grupo o resumo das obras trabalhadas e respondiam ao um questionário composto por perguntas nos moldes do vestibular da

UVA. Em seguida, dava-se início a produção dos gêneros que seriam publicados no jornal escolar. Antes da produção escrita, os alunos assistiam a uma breve explanação sobre a macroestrutura dos gêneros que iriam produzir (comentário e carta ao leitor).

As temáticas eram sugeridas pelos bolsistas e dispostas no quadro branco para que os alunos escolhessem os temas que mais os interessavam. As produções escritas durante os três meses de trabalho forneceram o *lócus* para esta pesquisa.

Os alunos não participaram dos processos de revisão e divulgação do jornal escolar, os quais ficaram a cargo dos bolsistas. Após os três meses de trabalho, todas as produções escritas foram analisadas pelos bolsistas no intuito de identificar as marcas de paráfrase nestes textos. O que foi possível através do embasamento na definição de paráfrase em Sant'Anna (1985; 2009), na visão de dialogismo em Bakhtin (2000) e no conceito de texto apresentado em Marcuschi (2008).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram identificadas marcas de paráfrase em todos os textos produzidos pelos alunos. Percebemos que os alunos parafrasearam tanto os textos orais produzidos pelos bolsistas por meio da explanação das obras trabalhadas, como os resumos entregues aos alunos durante o processo de produção textual. Veremos a seguir alguns exemplos que comprovam a paráfrase nas produções escritas dos alunos.

Fragmento 3:

Trecho do resumo entregue aos alunos:	Trecho da produção de um aluno:
“[...] Invadindo-o, o fazendeiro surpreende Quitéria e o então Padre Diogo em pleno adultério. Desonrado, o pai de Raimundo mata Quitéria, tendo Diogo como testemunha. Graças à culpa do adultério e à culpa do homicídio, forma-se um pacto de cumplicidade entre ambos [...]”.	“[...] José Pedro ao flagrar Padre Diogo e sua esposa Quitéria em adultério, mata Quitéria tendo o Padre testemunha, os dois fazem uma cumplicidade em guardar segredo [...]”.

Fragmento 4:

Trecho do resumo entregue aos alunos:	Trecho da produção de um aluno:
“[...] Relata a vida de um sujeito chamado José Cordeiro, que filho de pai rico, morando em Sergipe vê o pai morrer quando ainda era criança, e o tio tomar tudo o que pertencia a ele e a sua mãe. Pobre, acaba trabalhando na fábrica do tio de onde mais tarde é demitido por não se sujeitar aos mandos e desmandos. Pobre e desempregado embarca para a Bahia para trabalhar nas lavouras de Cacau. No sul da Bahia é encaminhado à fazenda do coronel Manoel Misael de Sousa Telles conhecido por Mané Fragelo [...]”.	“Observa-se que nesta obra o personagem João Cordeiro, filho de pai rico com quem morava em Sergipe, sofre ainda criança com a perda do pai e sua mãe. Tendo que trabalhar na fábrica do tio que mais arde é demitido, parte para Bahia onde passa a trabalhar nas lavouras de Cacau, já no sul da Bahia é encaminhado à fazenda do coronel conhecido por Mané Fragelo [...]”.

Vemos nitidamente as marcas de paráfrase nos fragmentos acima, apesar do aluno produtor do texto repetir algumas palavras do texto que serviu de base, nota-se

que houve interpretação por parte desse aluno, pois ele não fez a cópia fiel do texto base. Ao contrário, o aluno usou as informações fornecidas pelo texto base para construir o seu discurso.

Portanto, o texto base funcionou como uma fonte de informação que deu fundamento ao novo texto produzido pelos alunos. Obviamente, algumas informações tinham que ser repetidas, pois a maioria dos alunos não teve a oportunidade de ler a obra literária completa, tendo como fonte de informação somente os resumos lidos em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das produções dos alunos, constatou-se que os textos parafraseados produzidos por eles não são a reprodução fiel das ideias dos textos bases. Portanto, houve um processo de construção, por meio da interpretação dos textos bases, que deu origem a um novo texto. Sem a compreensão leitora dos alunos produtores não seria possível a produção dos textos parafraseados, o que evidencia que a paráfrase, nesse caso, não é reprodução, e sim um processo que possibilita a construção de um novo texto.

Este estudo contribui para que alunos e professores percebam a importância de ensinar produção textual, integrando leitura de obras, estratégias de predição, concepção de língua, concepção de texto na perspectiva do gênero, e a importância do jornal escolar para as produções dos alunos e entendimento do processo de interação na prática discursiva com o texto concreto. Assim, podemos conviver melhor com a articulação teoria e prática no ensino do texto.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Como usar o jornal na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. Editora Contexto, 1997.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

KÖCHE, Vanilda Salton (org.). **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Escrita Total - escrevendo bem e vivendo com prazer, alma e propósito**. São Paulo: Edição do autor. Clube de autores. 2000.

MARCUSCHI. Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MESERANI, Samir. **O intertexto escolar**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. **Linguística Textual**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, paráfrase & Cia**. Série Princípios, 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **Paródia, paráfrase & Cia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.